

Na sucessão, o inconformismo do presidente

CARLOS CHAGAS

Continuavam a correr no Congresso, ontem, versões a respeito do inconformismo do presidente João Figueiredo diante da provável vitória de Tancredo Neves no colégio eleitoral. A última referência teria sido em conversa com o ex-secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, que recebeu dias atrás, em São Paulo. Fazendo coro com as preocupações de alguns chefes militares, Figueiredo manifestou preocupação diante do que vem sendo chamado de perigo esquerdizante — a possibilidade de radicais e revanchistas dominarem o futuro presidente e conturbarem o ambiente político com agitação e devassas, capazes de intranquilizar os atuais detentores do poder, quando postos fora dele.

Que o presidente da República vem seguindo por essa perigosa e sinuosa trilha, não haverá que duvidar. Levantou temores iguais em segundas conversas com parlamentares, semanas atrás. E nada mais fez que dar sequência aos pronunciamentos dos ministros militares, interrompidos mas não encerrados, como se ouve dizer na Capital Federal. Se, em paralelo, eles repetem o respeito à Constituição e às regras do jogo, prometendo passar a faixa a quem vencer, também ameaçam anular essa boa intenção criando clima artificial de apreensão e temor. São, acima de tudo, injustos, ou buscam pretextos para, no mínimo, se defender. Garantir-se, desde já, dian-

te da possibilidade de precisarem responder por atos praticados no passado, ainda que a anistia tenha apagado tudo, em matéria de repressão. Parecem temer outro tipo de devassa, aquela referente a negócios especiais, favorecimentos, corrupção e sucedâneos, que certamente não praticaram individualmente, mas deixaram praticar.

Desenvolvem uma espécie de raciocínio duplo. São contra o golpe, o retrocesso e a volta à exceção, mas, no reverso da medalha, ameaçam e assustam. Há quem pegue, nessa contradição, o fio da meada, estariam, na realidade, pretendendo uma terceira saída? Mais claramente: reconhecendo a derrota de Paulo Maluf e a vitória óbvia de Tancredo Neves, pretendiam alguma coisa que, não levando o ex-governador de São Paulo ao Palácio do Planalto, impedisse a ascensão do ex-governador de Minas?

Pela lógica, não dá mais. Nem o PDS, posto em frangalhos, servirá de pano de fundo suficiente para alterar o quadro institucional, nem haverá condições de quebrar a unidade das oposições e da dissidência oficial. Isso dentro da lei, é claro. Encontrar um candidato de consenso, nem pensar. Estabelecer o parlamentarismo, também não. A volta pura e simples às eleições diretas, da mesma forma, pois elas mais reforçariam a vitória de Tancredo Neves.

Então... então sobra, no plano especulativo, uma alternativa: a prorrogação, mesmo se vier sob a

capa da implantação, em tempo curto, das eleições diretas. Por certo apresentariam a equação às avessas, falando no restabelecimento do direito de o povo eleger seus governantes, sem intermediários. Só que, pelo adiantado do calendário, isso não poderia acontecer mais, pelo menos para proporcionar a 15 de março a posse do eleito. Assim, a solução seria a permanência de Figueiredo por mais algum tempo. Seis, oito, dez meses. Quem sabe um ano?

Não se afirma, vale a ressalva, que isso irá acontecer. Pelo contrário, a maior parte das promessas e das afirmações flui em sentido contrário, de Figueiredo e de seus ministros. Mas como explicar as queixas e os comentários que eles também fazem a respeito da possibilidade de Tancredo Neves se tornar um joguete nas mãos dos radicais de esquerda? Só pela preservação da tranquilidade futura de cada um? Pode ser que sim, pode ser que não.

O pior de tudo é que a premissa surge falsa, aumentando ainda mais os temores e fazendo subir a temperatura. Como imaginar Tancredo Neves chefiando um governo radical e conduzido pelas esquerdas mais extremadas? Ou, mesmo, como supor que essas esquerdas venham a encontrar espaço e condições de influir além de seu pequeno peso específico? Só por má fé ou ignorância. A vida pública do candidato oposicionista demonstra um equilíbrio permanente, em torno das concepções de centro. Basta atentar para as su-

cessivas e múltiplas passagens dele pelos principais postos da administração e da política.

Há algo no ar, solto ou agarrado. O comportamento peculiar do presidente sempre conduziu muito mais à dúvida do que à certeza, em termos administrativos, mas, politicamente, aos menos até aqui, ele vinha mantendo uma linha de coerência. Aos trancos e barrancos, a abertura política produziu efeitos e está aí, para ser elogiada. Admitiria o general João Figueiredo mudar de postura, de intenções e de metas, precisamente no final de seu mandato? Uma série de promessas que fez não conseguiu cumprir, mas faria naufragar a derradeira, em condições de lhe garantir alguns números na coluna do haver, contrapostos a tantos, na coluna do deve?

Por enquanto, são sinais. Mas uma escalada pode estar em desenvolvimento, se persistirem confidências e comentários, seguidos a discursos, ordens do dia, reuniões e pronunciamentos. O saudoso senador Vitorino Freire dizia, com muita graça, que quando o caboclo vai pela estrada e vê um jabuti instalado no alto de um galho passa ao largo e finge que não vê. Afinal, jabuti não sobe em árvore e, se está lá, foi porque alguém o colocou, por algum motivo. Infelizmente para a Nação, não será possível passar ao largo e ignorar o bicho postado no alto. E, salvo engano, delinea-se o perfil de um jabuti, se olharmos cuidadosamente para cima...